

Uma história na terceira geração

por Adriana Vasconcelos
de Brasília

Meu pai é mineiro. Minha mãe é carioca. Meu sogro cearense. Minha sogra amazonense. Eu, meu marido e meu filho Bruno somos brasilienses. Esse é o retrato mais comum de famílias que chegaram para a inauguração da nova capital federal, algumas antes mesmo de 1960, e acabaram adotando Brasília como segunda terra natal e berço ideal para criar as primeiras gerações da cidade.

Nascida e criada em Brasília, nunca vi na capital federal uma cidade fria ou meramente administrativa. Meus pais moram aqui, meus amigos também e agora vejo meu filho engatinhar pelos mesmos parques e jardins em que um dia brinquei, corri, cresci e fui feliz. Mas ainda hoje encontro pessoas que se surpreendem quando encontram autênticos brasilienses.

Na verdade, a primeira geração de brasilienses já chegou crescida. Foram os pioneiros, os chamados "candangos", que tijolo a tijolo construíram o projeto arquitetônico e urbanístico idealizado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Meu avô materno, por exemplo, chegou ao Planalto Central em 1958, para ajudar na implantação do primeiro Departamento da Polícia Federal. Minha avó chegou para a inauguração da nova capital, dois anos depois.

No dia 13 de abril de 1960, meu pai desembarcou

em Brasília. Foi aí que começou a minha história. Pois foi nesta cidade recém-construída, ainda com ruas por asfaltar, muita poeira e um comércio bastante precário, que minha mãe o conheceu.

Como pioneiro, meu pai hoje dá seu depoimento sobre Brasília. "Eu acho que essa cidade é tudo que uma pessoa gostaria de encontrar. É um paraíso. Não de benesses. Mas um paraíso que a gente criou para morar", observa. Minha mãe concorda plenamente. "Aqui me realizei profissionalmente, trabalhando durante 25 anos como professora. Foi aqui que conheci meu grande amor, há 29 anos. Hoje sou muito mais candanga do que carioca. Não esqueço a beleza do Rio, mas é aqui que quero morrer", atesta.

Recém-chegada do Rio de Janeiro, minha mãe saiu às compras em Brasília atrás de "grampos para o cabelo". Voltou de mãos vazias. Dois dias mais tarde ficou sabendo que só seria atendida pelos comerciantes locais se pedisse uma "caixa de ramona".

Hoje, esses regionalismos já não são sentidos de maneira tão marcante. Os brasilienses não apresentam sotaques fortes que lembrem a origem de seus pais ou avós e começam a ter um sotaque próprio, brasileiro. E como todos os brasileiros, estudam, trabalham e lutam para garantir um Brasil melhor, mais justo e feliz.